

Condomínios fechados contemporâneos: uma amarração entre Comunicação, História e Filosofia em busca da Felicidade

Evandro Bilibio¹

Marcio Fernandes²

Reynaldo Castro³

Resumo

Esse artigo tece apontamentos sobre um fenômeno crescente nos últimos anos no mundo e relativamente novo no Brasil – a expansão dos condomínios fechados ou seus similares enquanto instrumentos para a consecução de uma felicidade coletiva crônica, conforme o elevado volume de propagandas verificadas em meios de comunicação de massa. Inicialmente, restrito aos grandes conglomerados urbanos em suas classes mais altas (e em bairros mais próximos dos centros financeiros destas cidades, portanto), o fenômeno se expande rapidamente para povoamentos menores – mesmo um olhar não muito acurado é capaz de perceber a enorme quantidade de pequenos condomínios compostos de seis, oito, dez sobrados devidamente protegidos por muros e outros mecanismos que tencionam garantir o sossego permanente.

¹Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Fronteira-Sul (UFFS), Chapecó (SC). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: filouni@gmail.com

²Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava (PR). Doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Universidade de Lisboa (UL). E-mail: marciorf@globo.com

³Professor da Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales da Universidad Nacional de Jujuy (Unju), San Salvador de Jujuy (Argentina). Escritor, com vários livros publicados, em segmentos como Jornalismo, Literatura e História. E-mail: netaforas@gmail.com

Cabe ressaltar que este *paper* não fala especificamente da expansão física (em quantidade de metros quadrados, por exemplo) destes empreendimentos, nem apresenta dados exaustivos sobre o assunto. Nem faz uma análise de como são estruturados de tal forma a possibilitarem a otimização de várias atividades em um só espaço. Aqui, o foco é apresentar a questão de tal modo a possibilitar ao leitor entender o contexto em que talvez essa discussão faça-se relevante – um contexto que navegue entre a Comunicação de Massa, a História e a Filosofia.

Um bairro asséptico demais?

Um mote bastante contemporâneo para a presente discussão vem do subúrbio de Londres, a capital inglesa. Uma reportagem de abril de 2012 da revista portuguesa *Sábado* (página 78) dá conta que uma *holding* sueca, Ikea, está lançando um empreendimento imobiliário com 1,2 mil casas (somente para locação) de layout semelhante entre si, nos arredores do complexo destinado aos Jogos Olímpicos também de 2012.

Strand East (o nome de tal bairro-modelo), conta o autor da reportagem, Pedro Marta Santos, não terá circulação de automóveis particulares – apenas um gigantesco estacionamento subterrâneo, além de transporte coletivo). Caminhos para pedestres, espaços de lazer e um permanente programa de eventos para os moradores estão listados igualmente. Continua Marta Santos:

“O jornal Globe Mail desconfia do projecto e alertou para os riscos de um mega senhorio com inclinação para o design asseado e de ordem social'. O porquê da desconfiança? Os planos do diretor do projecto, Andrew Cobden: 'Estaremos muito atentos à limpeza e à gestão da paisagem. E manteremos uma linha firme em relação a actividades indesejáveis”

Por mais dúbio que possa ser o conceito de “actividades indesejáveis”, é justamente isso – o controle social sobre quem faz o que – que serve de forte motivação para a concretização de empreendimentos desta natureza. Strand East possivelmente não terá cercas físicas como divisórias. Suas “cercas” serão morais, pode-se dizer. A ideia da *holding* sueca, obviamente, não é nova, mas pode ser considerada um “avanço” em relação a experiências passadas há um bom tempo. Recorde-se que, na América do Sul ao longo do século 20, diversos foram os projetos que intentaram criar o que se pode chamar de 'comunidades cronicamente felizes'.

Um grande cine-teatro em ruínas é o que resta de mais visível, por exemplo, da enorme vila no melhor estilo *american way of life* havida na década de 1910 em uma atual divisa entre os Estados brasileiros de Santa Catarina e Paraná, na atual cidade de Três Barras (SC). O que, naquele tempo, o empreendedor americano Percival Farquhar mandou erguer era algo como um pré-mundo Disney, aquele retratado em HQs onde as casas, quando muito, têm cercas meramente decorativas e a grama está sempre bem cuidada. Na vila de Farquhar (florescida no entorno de uma gigantesca serraria), havia hospital, escola, clube de jogos, o mencionado cine-teatro e muito mais para as famílias dos operários da Lambert, a serraria em questão. Quem agora vê as fotografias que restaram do empreendimento pode, caso deixe de ler as legendas das imagens, concluir que se tratava de alguma localidade do Far West americano – nas fotos, os bares da cidade de Farquhar parecem saloons e os frequentadores, cowboys legítimos.

Mais ao Sul do Brasil, também na década de 1910, a companhia inglesa Swift, ao adquirir um frigorífico até então tocado por argentinos, mandou disponibilizar a seus funcionários e familiares até um campo de golf, em meio ao Pampa gaúcho. Havia um hotel e um enorme canteiro que produzia legumes para compor as fartas refeições dos empregados. No auge, a fábrica-vila tinha 800 funcionários e exportava carne especialmente para a América do Norte.

Um dos itens em comum dos três exemplos acima (dentre outros tantos que poderiam ser citados) – Strand East, Lambert e Swift – é o caráter de vigilância total, ao qual os moradores se sujeitam/sujeitavam. Michel Foucault, em *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão* (1987), retoma o conceito de *Panoptismo*, uma referência ao modelo de gerenciamento da vida prisional proposto por volta de 1785 pelo filósofo inglês Jeremy Bentham.

Foucault lembra que o Panóptico funciona exatamente por saber-se que se é ostensivamente vigiado. Um dos lastros (para o bem ou para o mal, cabendo o juízo individual aqui) dos condomínios fechados é exatamente este – o de potencialmente ser notado sempre por outrem, o que vai além de duas das primordiais características de empreendimentos residenciais desta natureza - a vontade de se proteger da violência 'lá de fora' e o desejo pela ostentação material, em decorrência do contumaz elevado valor de mercado de tais imóveis.

De outro modo, há, claro, quem defenda que a consolidação mercadológica de espaços fechados obedece a uma lógica mais pura e ingênua, qual seja a de poder criar um ambiente próprio em que possam ser cultivadas aquelas virtudes e valores que somente uma vida em uma comunidade em paz e harmonia pode propiciar – o que parece ser uma das argumentações essenciais em Strand East e nos anúncios que pululam nos grandes jornais do Brasil em suas edições dominicais.

Controle da coletividade social

Como se verá logo adiante, outros autores abordaram a questão do controle da coletividade social, ainda que indiretamente. Theodore Adorno e Max Horkheimer o fizeram no clássico *A Indústria Cultural* (2002). Gilberto Velho idem, em *Os desafios da proximidade* (2003), ao abordar os conceitos de proximidade, distância, familiaridade e estranhamento.

Reitera-se a afirmação que estes três autores não escreveram diretamente *sobre* o tema. Recortes bem definidos de algumas de suas argumentações permitem que sirvam de contexto ao presente artigo. Isso, por outro lado, não significa que tais autores são *forçados* a falar aqui o que não pretendiam. Essa contextualização é exercida na medida do aceitável e do bom senso, de tal forma a não deturpá-las em sua originalidade, mas expandindo suas teses e hipóteses a outros campos julgados possíveis.

Dito isso, é oportuno salientar que, independentemente dos motivos e consequências da existência e do espraiamento desses *oásis urbanos*, eles estão aí e refletem, para o bem ou para o mal, uma tentativa possível de tornar a vida em comum mais agradável. Se eles representam uma forma de arbitrariedade contra a sociedade na qual estão globalmente inseridos, como uma fragmentação nociva ao próprio espaço urbano, este aspecto foge ao escopo do presente *paper*. Julga-se que, dependendo da perspectiva adotada, tanto uma resposta positiva ou negativa a tais questionamentos tem razão de ser, o que pode levar a um fundamentalismo barato.

Por outro lado, vale lembrar que a preocupação com a expansão dos grandes centros e a conseqüente degradação de ecossistemas ou mananciais não é recente. Bem como a ideia de que uma forma de possível preservação desses seria a criação de comunidades (colônias ou condomínios) em determinados locais com uma dupla finalidade - propiciar aos seus habitantes um habitat em que serão preservados certos valores através da manutenção de certos *modus vivendi* e, por outro, preservar um determinado espaço (ecossistema) que de outra forma desapareceria frente às exigências do progresso e da técnica.

Desse modo, a intenção dessa reflexão é dupla. Pretende-se mostrar que a organização interna desses condomínios contribui em grande medida a que seus moradores realmente possam desfrutar de um lugar de *paz e ordem* (reitera-se que este é o grande mote dos anúncios publicitários acima mencionados). E que tais lugares representam uma espécie de preocupação por parte daqueles que os mantêm com o *mundo* ao seu redor (sem problematizar se tais preocupações surgem de uma expansão desenfreada e predatória, reflexo de um sistema econômico ou da tentativa sincera de preservar certos valores e tradições).

Deixando-se de lado toda a potencial especulação financeira advinda do ramo imobiliário na maioria dos condomínios fechados, pode-se reiterar quais são/seriam as origens dessa expansão no mundo contemporâneo. Seu aparecimento é o resultado do aumento da violência e, portanto, da perda de segurança das pessoas? Existem para que se possa desfrutar de um convívio harmonioso? Para que pais possam viver e educar seus filhos com segurança enquanto trabalham largas horas ao dia? Porque as entidades públicas não conseguem disponibilizar centros de convívio saudáveis nas cidades e cidadãos preocupados com o seu futuro e o de seus filhos optam por viver nessas espécies de ‘comunidades’? Ou a resposta é bem mais simples: por capricho, ostentação ou demonstração de status?

Podemos também perguntar se tais oásis chegam realmente a cumprir com o prometido? A segurança e bem estar tão propagadas nas peças midiáticas são, de fato, alcançados? Os pais e as famílias sentem-se efetivamente mais seguros? Sentem-se vivendo em uma ‘comunidade’ onde impera a paz e a ordem? Pode-se dizer que, independente dos motivos que levam alguém a optar por viverem assim, é possível responder-se

afirmativamente (ao menos para os autores do presente *paper*) a todas as respostas e perguntas aqui elencadas, com uma pequena margem de erro.

Alguns dos novos megaempreendimentos imobiliários tentam oferecer quase tudo que pode ser encontrado em uma cidade. Alguns podem, até mesmo, serem comparados a pequenos municípios – Strand East terá 1,2 mil casas, algo como 5 mil residentes, portanto. Os moradores têm à sua disposição os mais diferentes tipos de serviços. Acrescenta-se a isso a comodidade de fazer compras por telefone ou pela Internet, sem que seja necessário sair às ruas. Há ainda a gama de serviços de profissionais que realizam suas tarefas a domicílio. Mais: é notório o crescimento de profissionais que trabalham em casa (homeoffices), os homeworkers.

É, então, de se perguntar se é possível querer culpar alguém por desejar desfrutar do máximo de conforto e comodidade na sua curta estadia nesse planeta? Estariam contribuindo tais pessoas para um *processo de segregação espacial*, uma expressão utilizada por Tanya Barcellos e Rosetta Mamarella (2007). Será admissível acusar essas pessoas de estarem fugindo do convívio com seus pares deliberadamente? Ou, pelo contrário, buscando um convívio diferenciado e mais saudável, alienando-se de forma consciente? Ou seriam apenas vítimas de um sistema, de forma a não perceberem que não passam de uma peça em uma estrutura econômica e política de domínio que manipula os interesses e escolhas alheias? Adorno e Horkheimer (idem, p. 168) pontuam que:

Mas não se diz que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade do próprio domínio, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena.

Ora, então é possível apontar para essas pessoas, dizendo-lhes que não somente são vítimas de si mesmos, de tal forma a buscarem a auto-alienação, criando o seu mundo a parte ou, pelo menos, criando as condições para que esse seja possível. Uma espécie de desenvolvimento às avessas, ou seja, algo que aparentemente mostra-se como sendo uma

conquista de membros economicamente ativos e aparentemente cientes do que implica existir em sociedade. Seria nada mais nada menos do que o mais perfeito exemplo de uma racionalidade técnica e de seu caráter repressivo. O que pode, em última instância, levar alguns membros dessa mesma sociedade a imaginar que criando esses ‘oásis’ tudo estaria resolvido.

Mas há ainda outro horizonte de interpretação: independente de todos os motivos e consequências ético-morais possíveis, pode-se afirmar com uma margem de erro muito pequena (senão inexistente) que todos aqueles que *buscam* essa segregação o fazem na esperança de uma existência melhor e, portanto, feliz. Se essa felicidade é uma falsa felicidade (tendo como melhor resultado um tédio, mesmo que imperceptível, a priori), isso parece não ser tão relevante. Seja como for, tanto a satisfação verdadeira ou o resultado da ignorância produzem o mesmo: bem estar e felicidade.

Esses *Jardins de Epicuro* procuram, portanto, tornar possível ainda a mesma coisa que o filósofo grego Epicuro de Samos tentava ensinar a seus discípulos: o valor e como chegar até a felicidade. Em sua *Carta à felicidade* (2002, p. 23) pode-se ler “[...] estando essa presente [a felicidade] tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la”. Note-se que se trata de uma afirmação feita no século III antes de Cristo – e que ainda é pertinente. Alguém se habilita a negá-la? Possivelmente não.

Em tempos menos remotos

Num passado nem tão distante, o utilitarista inglês John Stuart Mill defendeu que a maximização da felicidade constitui a nossa única obrigação moral. Posição com a qual o filósofo americano Richard Rorty concorda em seu minúsculo livro *Uma ética laica* (2010). Então, sob este prisma, viver em condomínios fechados constitui-se em um desejo que não interfere nos desejos de outras pessoas. A realização do mesmo poderá contribuir para que aquele que possa desfrutar da maior felicidade possível, algo moralmente defensável se tomarmos emprestado como bandeira o viés de Stuart Mill.

Pois aqui retornamos a Foucault. Sabemos que há, via de regra, uma espécie de desdém invejoso e rancoroso por aqueles que não querem ou não podem fazer parte deste mundo Disney. Para tais pessoas, os ambientes selecionados talvez não exalem somente paz e ordem, como aparentam. A suposta atmosfera harmoniosa pode ser, ao final, somente isso, uma atmosfera. Por detrás das portas, jardins, câmeras, vigias, seguranças, alarmes, crachás, horários de visita, placas alertando sobre os limites de velocidade e sobre a lei do silêncio, dentre outros delimitadores, haveria um sem número de pessoas meramente infelizes. Um sistema panóptico em favor da infelicidade. Foucault, em *Vigiar...*, faz análise dos sistemas de vigilância implementados durante a *Peste Negra*⁴ em algumas cidades na Europa com a finalidade de evitar a sua disseminação.

O *panoptismo*, em sua vertente original, com Bentham, era um projeto de arquitetura formulado no século 18, que, devido às disposições das construções prisionais propostas pelo seu mentor, facilitavam o controle dos encarcerados através da vigilância contínua, em um processo de otimização de tempo e recursos humanos. O Panóptico procurava, por um lado, possibilitar e facilitar o acompanhamento de doentes mentais de todo tipo, além de criminosos, de tal forma a não ser necessária a intervenção humana direta e constante. Por outro aspecto, tencionava fazer com que aquele que estivesse sendo observado, exatamente por não poder identificar de modo claro a fonte de observação, a regularidade e frequência da mesma, se obrigasse a mudar de comportamento simplesmente pelo fato de saber ser vigiado a todo momento, mas não identificar exatamente nem onde, nem como. Mesmo que esse controle e vigilância não estivesse ali, ao seu alcance.

Como característica arquitetônica principal, além da torre central e a disposição ao redor dessa dos locais de internação, a visibilidade dos detentos era um fator essencial à vigilância e ao controle, caracterizando-se como uma *armadilha*. Como diz Foucault à página 224, ao descrever a construção panóptica, “a visibilidade era uma armadilha”.

⁴Considerada uma espécie de pandemia de peste bubônica, devido à falta de higiene e saneamento básico que, segundo alguns autores, teria dizimado cerca de 1/3 – por volta de 75 milhões – da população europeia do século XIV. As estimativas mais contidas contam 25 milhões de vítimas.

Podemos admitir que os condomínios fechados contemporâneos (e outras experiências similares) servem-se de recursos panópticos, provocando (ainda que não intencionalmente) um cenário de armadilha em seus moradores, seja pela vigilância das câmeras ou dos próprios vizinhos – o que também pode ser definido como uma *liberdade controlada*.

Em empreendimentos imobiliários desta natureza, por exemplo, câmeras de segurança são estrategicamente colocadas de forma que passem despercebidas. Os espaços comuns são dispostos de maneira que todos tenham a oportunidade de ver uns aos outros. Tudo isso garante, em boa medida, que aqueles que habitam tais locais sintam-se, de tal modo, vigiados e que acabem tendo sempre que adotar um comportamento mais *civilizado*. Isso significa que serão evitados atos que, em público, possam ser mal vistos. “O Panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder”, definiu Foucault (*idem*, p. 226). Isso significa que tais experiências coletivas criam um ambiente ético e moral em que justamente o horizonte moral é construído a partir das necessidades (naquelas em que acreditam, pelo menos) de seus moradores.

Por fim, lembremos que condomínios cronicamente felizes sendo comercializados por anúncios que divulgam a felicidade crônica são derivações do constante processo de mudanças das cidades, estes fascinantes espaços urbanos.

Não deixa de ser curioso notar que *Urbanismo* é uma palavra que, segundo Gaston Bardet, data de 1910 aproximadamente, período pouco anterior às experiências outrora nominadas (Lambert e Swift). O Urbanismo seria decorrente de uma necessidade crescente de adaptar as cidades de então, na condição cada vez mais acentuada de centros industriais que se colocavam de braços abertos e receptivos a grandes levas de trabalhadores rurais que abandonam suas terras e migravam em busca de trabalho.

Este movimentar de massas humanas é, por sua vez, decorrente da Revolução Industrial do século 19. Por aquela época é que aparecem preocupações com a estrutura propriamente dita das cidades, bem como reflexões das autoridades públicas ligadas às áreas da saúde (médicos e higienistas) com respeito às condições sub-humanas do novo proletariado, a degradação e destruição de recursos naturais e, porque não dizer, de

ecossistemas inteiros em nome da industrialização. Não demoram em aparecer modelos que visam apresentar a *cidade do futuro*.

Modelos urbanos propostos

Podem-se ser citados aqui o modelo progressista do inglês Robert Owen (1771-1858), orientado pela nova ciência social e que estipulou desde números mínimo e máximo de habitantes até a disposição de prédios e a previsão de residências para casados e solteiros. Francês, Charles Fourier (1772-1837), com seus Falanstérios, defendia de igual maneira quantias delimitadas (mínimas e máximas) de habitantes, espécies de comunas, como refere-se a historiadora francesa Françoise Choay em seu livro *O Urbanismo* (2010). Os Falanstérios, a vida comunitária, com divisão de lucros, entre outros mandamentos (especulasse que terá existido um em São Francisco do Sul, litoral do Estado brasileiro de Santa Catarina). Por meandros como este, Fourier é considerado por muitos pesquisadores das Ciências Sociais como o pai do Cooperativismo,

Os americanos Henry David Thoreau e Ralf Waldo Emerson foram adversários de ideias de Fourier. O acusaram de ter acabado com a possibilidade do individualismo, obviamente um exagero (fosse isso crível, os condomínios fechados, por exemplo, não teriam progredido). De seu turno, a proposta culturalista do inglês Johan Ruskin (1819-1900) foi outra tentativa de apresentar um modelo de cidade que pudesse suportar as transformações sociais oriundas do desenvolvimento industrial e as alterações do Meio Ambiente.

Ruskin pensou a cidade como um ser orgânico e não um amontoado de espaços sobrepostos e/ou contíguos. O socialista inglês William Morris (1834-1896) apresenta-se logo a seguir totalmente contra a industrialização. Juntam-se a ele os alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), críticos da industrialização das cidades, a qual seria uma espécie de violência contra a condição humana. Somam-se a eles o arquiteto francês Tony Garnier (1869-1948), o urbanista inglês Ebenezer Howard (1850-1928) e sua Cidade Jardim e o urbanista espanhol Arturo Soria y Mata (1844-1920) e a Cidade Linear.

Tantas referências têm uma boa razão de suas presenças neste *paper*: Tão logo tenha começado o processo de industrialização e transformação do espaço, apareceram preocupações (dos mais diferentes tipos) com respeito à adequação desses mesmos cenários às condições de existência favoráveis e minimamente razoáveis para seus habitantes. Assim, é interessante notar experiências similares mais antigas no que diz respeito à criação de pequenas comunidades isoladas (vilas, colônias, condomínios, etc). Esses modelos de outros tempos, em linhas gerais, também sonhavam com a preservação dos ecossistemas ao seu redor na medida em que a otimização do espaço urbano seria acompanhada de uma melhor utilização dos recursos naturais disponíveis pela comunidade – o mesmo mote da sustentabilidade que muitos anúncios publicitários pregam para os condomínios privativos atuais, como mais um recurso à busca da felicidade terrena.

Por um lado, enfim, o elemento motivador maior para aderir a um condomínio fechado pode ser aquele descontentamento para com as cidades grandes que se transformaram em lugares caóticos e contrários à própria possibilidade de perpetuar-se uma existência saudável e feliz. Então, quem poderia culpar aqueles que *fogem* desses centros e refugiam-se em seus condomínios? O que haveria de mal em procurar criar ou recriar um espaço ético-moral mais adequado à convivência pacífica e harmoniosa? Os condomínios nos subúrbios, as pequenas vilas praianas sem asfalto e outras experiências geoeconômicas como desertos niilistas potencialmente fariam Nietzsche passar vergonha, caso estivesse vivo. Os projetistas românticos dos séculos 18 e 19 talvez gostassem mais de experiências da atualidade. Os maniqueístas parecem estar em fuga, constituindo seus *villages* e similares longe do caos urbano, para alegria dos grandes empreendedores da construção civil, das agências de publicidade e propaganda e dos veículos que anunciam o novo *future way of hapiness*.

Referências Bibliográficas

- BARCELLOS, Tanya; MAMARELLA, Rosetta. *O significado dos condomínios fechados no processo de segregação espacial nas metrópoles*. Porto Alegre: FEE/RS, 2007. Disponível em <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/tds/019.pdf>. Acesso em 10.04.12.
- BARDET, Gaston. *O Urbanismo*. Papirus: Campinas, 1990.
- DELICATO, Cláudio Travassos Delicato. *Condomínios horizontais: ilusão de viver juntos e isolados ao mesmo tempo*. Revista Urbana. Ano 2, no. 2007, Dossiê: Cidade, Imagem, História e Interdisciplinaridade.
- EPICURO de Samos. *Carta sobre a Felicidade*. São Paulo: Edusp, 2002.
- FOUCAULT, Michael. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Petropolis: Vozes, 1987.
- CHOAY, Francoyse. *O Urbanismo: utopias e realidade, uma antologia*. São Paulo: Perspectiva, 2010
- HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. *A Indústria Cultural: o Iluminismo como mistificação de massas*. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. P. 169 a 214.
- RORTY, Richard. *Uma ética laica*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- VELHO, Gilberto. *Os desafios da proximidade*. In: VELHO, Gilberto KUSCHNIR, Karina (orgs.). *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. P. 235 a 260.